

# O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa  
 Direcção Municipal de Cultura  
 Departamento de Acção Cultural  
 Divisão da Rede de Bibliotecas  
 Câmara Municipal de Lisboa

## ALERTA

Para onde vamos nós?

Para onde nos arrasta a infame politica d'este nefando governo, tão inimigo da moral e do bem publico, tão contrario a tudo quanto possa proporcionar ao seu paiz qualquer beneficio, qualquer parcella do mais somenos bem estar?

Podeis apontar-nos da parte do ministro da fazenda ou das obras publicas, os dois que imprimem caracter á direcção do ministerio, um acto só que vise ao bem da nação?

Podeis dizer nos qual medida tomaram já estes heroes que affoitamente traga ao seu paiz uma vantagem qualquer, politica, administrativa ou financeira?

Que tem feito o rufião das obras publicas que não seja em proveito exclusivo das suas torpissimas ganancias?

Sae d'aquelle antro algum acto que não olhe ao seu interesse particular, ou da matilha que o cerca esfaimada e insaciavel?

A negociata das obras do porto de Lisboa?

Um monturo.

O escandalo da estação central do caminho de ferro, e as obras do tunnel do Rocio?

Um roubo á companhia.

A reforma de engenharia, de que elle não entendia absolutamente nada?

Uma monstruosidade, que custa ao paiz centenas de contos, e que a decencia manda arrasar como pelourinho de vinganças mesquinhas, de erros vergonhosos, de atropelo irritante do merito, da justiça e dos serviços á nação.

As empreitadas das estradas?

Não sei se nos annaes do crime a paciencia de um philosopho seria capaz de descubrir façanhas mais attentatorias do direito e da justiça.

Basta saber que quando acabarem as colheitas, muitos que não tinham um real de seu, se levantaram ricos de centos de contos de réis.

O saltador que de um salto nos entrasse pela janella de bacamarte em punho, produziria no nosso espirito menos assombro do que a audacia d'este homem que do exercicio das mais elevadas funcções publicas, apagou completamente a noção do direito e da propriedade do estado.

Apontai um acto bom d'este ministro, cuja penna selvagem tantas reputações respeitaveis tem ferido,

cuja baba tanta peçonha tem lançado no seio de familias honestas, que ainda hoje choram, umas a perda do seu chefe querido, outras a perda da consideração e da honra, immoladas á vingança d'aquelle feroz jornalista!

Tem-se visto ministros ignorantes, ministros fadados com o triste dom do desacerto; ministros que querem mas não podem, outros que podem mas não querem.

Nenhum como este, timbrando com tanta audacia como descaro em atacar a consciencia publica, em affrontar publicamente os principios do decoro e do justo.

Olhai bem para aquella figura atarracada, para aquella cara apopletica, supurando odios e rancor por todos os poros; que esperais encontrar ali que não seja o mais desbragado egoismo, a ambição mais desenfreada do ser rico em pouco tempo, seja como fór, por *fas* ou por *néfas*, traficando occultamente no gabinete, ou deante das multidões, se não houver outro processo?

Montar soberbas equipagens, construir chalets magestosos, deslumbrar os seus antigos credores com todo o apparatus da riqueza, da ostentação e do luxo, elle, maltrapilho que ainda na vespera não tinha onde cair morto, eis um dos seus ideaes.

Mas não é só isto.

O orgulho, a ambição e a vaidade podem levar um espirito enfermo até ao roubo.

Até fazer gala do sambenito pode o cynismo conduzir um tolo ou um velhaco.

Mas affrontar descaradamente a nação offerecendo-lhe em pasto o fructo das mais revoltantes delapidações;

Ouvir em plena camara a demonstração irrefutavel de que só uma negociata lhe deixara para cima de 400 contos de réis;

Ver levantar-se de todos os angulos do paiz calorosos protestos da mais vehemente indignação, e persistir em manter-se no governo, de olho á mira em novas traficancias, que lhe tem enchido a pasta, como os tortulhos enchem as estremeiras;

Ver crescer a onda dos odios publicos, e sorrir-se á tempestade, convicto das maiores torpedas;

Ver o paiz aterrado ante a contemplação de um futuro tenebroso, propositadamente preparado por este maldito governo, e levantar orgulhosamente a cabeça, e affrontar sorridente os elementos desencadeados, pelos poderes da verdade e da justiça, e da consciencia publica revolucionada... não é

mover-se simplesmente pela sede do ouro, nem pela ambição do poder, nem pelas lantejoulas e arabescos de uma farda agaloada.

O sr. ministro das obras publicas celebrou uma alliança offensiva e defensiva com o sr. Marianno de Carvalho.

Que pretendem estes dois heroes?

Ilo-hemos vendo a pouco e pouco.

Desgraçado Portugal, caiste nas garras dos teus inimigos.

Vinte annos de embuste, de mentira, de velharia, de protervia rasgaram o triste caminho, por onde corres, victima innocente, e descuidada a despenhar-te no abysmo que a perversidade cavou quasi a teus pés.

Mas ainda não estará tudo perdido, Deus louvado.

O Espectro ha de levantar a sua voz poderosa.

As multidões hão de ouvil-o com assombro. E como Hamlet castigará e apontará os **traidores** á vindicta publica.

## A grande ladroeira dos 5:000 contos de reis do emprestimo de D. Miguel

Estamos ameaçados de ficar sem 5:000 contos de réis, que a tanto monta o emprestimo portuguez, **arrestado** em Paris á ordem dos portadores dos titulos do emprestimo de *D. Miguel!*

Foi preciso que o ministro da fazenda em Portugal se chamasse Marianno de Carvalho, o Catão que passou a vida a zurzir todos os homens de bem d'esta terra, para que aquelles titulos fossem disputados no mercado a preço de ouro — tanta é a certeza que tem os meliantes da infamissima trama, de que ella *ha de vingár* e render as fabulosas quantias que trazem de olho ha muitos annos.

Está demonstrado até á evidencia que os poderes publicos de Portugal, oh vergonha! *representados* pelo *ministro de fazenda*, acordaram com o sr. de Reilhac em preparar a rede, onde havia de cair a totalidade dos 5:000 contos.

Não foi isto? Pois expliquem satisfatoriamente porque motivos andaram os possuidores d'esses titulos 50 annos atraz dos nossos governos sem conseguirem receber nem real, e só depois que o sr. Marianno de Carvalho é ministro da fazenda, só depois que este sujeito contratou com o sr. de Reilhac—caladinho agora no meio de tudo isto — é que elles teem audacia, a força e auctoridade bastante para embargarem os fundos de um emprestimo portuguez celebrado.

Expliquem-nos satisfatoriamente porque rasão se vendiam a peso os titulos do emprestimo miguelista antes do contracto secreto do sr. de Reilhac, e agora os proprios amigos do ministro da fazenda andam varrendo o mercado d'aquella papellada, e pagando quanto lhe apparece por um dinheirão?

Não explicarão coisa nenhuma por que não se pode negar a evidencia; porque desgraçadamente para esta desventurada terra, os factos brilham como o sol d'estes esplendidos dias do outomno.

Deitastes as garras aos 5:000 contos?

Enganae vos se imaginaes que é sardinha que o gato leva.

A opposição ha de arrancar-vos a presa.

Será uma das suas maiores glorias.

A campanha tem de ser rija. A victoria ainda não é da nação, porque o plano estava habilmente combinado.

O povo ainda não pode affirmar que lhe não serão roubados esses 5:000 contos, visto que a enormissima ladroeira tem por um lado o voto do ministro da justiça como advogado e por outro o accordo do ministro da fazenda como parte contratante.

Mas trabalharemos até á ultima. E se for preciso, o povo levantar-se-ha como um só homem, e defenderá á bala o fructo do seu suor, porque o suor do povo é que terá de pagar a descarada **ladroeira**.

## As victimas do incendio do theatro Baquet roubadas em cincoenta mil libras

Ainda não ha muito tempo que o paiz teve conhecimento de uma grande catastrophe que enluto a cidade do Porto.

Queremo-nos referir ao terrivel incendio do theatro Baquet, que tantas victimas fez e que tantas creanças deixou na orphanidade.

O povo portuguez, que jamais esquece a desventura de seus irmãos tratou logo de organizar commissões de soccorros que por meio de subscrições poderam angariar esmolas, que serviram um pouco de lenitivo para os filhos das victimas, que de repente se viram a braços com a miseria.

A generosidade do povo, alem de ser expontanea, foi prodiga.

Todos concorreram com a sua esmola.

Houve actos de verdadeira philanthropia.

Quantos e quantos operarios não deram um dia do seu trabalho, e que representava o pão de sua familia?

Todos deram, desde a esmola opulenta dos Reis de Portugal até á mais humilde dadiva dos pobres.

Todos quizeram contribuir para suavisar a desgraça das victimas.

Com a boa vontade de todos a subscrição nacional foi enorme, e a sua importancia era mais que bastante para garantir o futuro das victimas.

Até ao presente nem uma moeda de **5 réls** ainda se distribuiu pelos infelizes, não obstante no governo civil do Porto ter-se depositado a enorme importancia de **cincoenta mil libras!!!!**

E' com o maior sentimento, que nós levantamos a nossa voz indignada, contra o proceder ignobil das auctoridades do Porto, em não terem distribuido pelas victimas do incendio do theatro Baquet o producto da subscrição nacional que se fez para as soccorrer.

Pertencem a esses desgraçados **cincoenta mil libras**, muitos d'elles estão luctando com os **horrores da fome e do frio**, e as auctoridades do Porto com um indigno cynismo fingem ignorar tanta miseria, para ficarem com um deposito sagrado de **cincoenta mil libras**.

Para mostrarmos quanto é odioso o procedimento d'estas auctoridades, basta dizer que o actual governador civil do Porto o sr. Corrêa de Barros, tenciona desviar aquella enorme importancia, para comprar as consciencias faceis, que quizerem vender os seus votos nas proximas eleições para deputados.

E' tão infame e horripilante este proceder que francamente, nós não sabemos como se deva classificar o procedimento das auctoridades que desviam para outro fim as cincoenta mil libras que pertencem ás victimas do incendio do theatro Baquet.

O que é facto é que as grandes desgraças servem de pretexto para certa cambada especular indignamente com a miseria, cobrindo-se a maioria das vezes com uma capa de hypocrisia, para mais á vontade poderem enganar os homens virtuosos que concorrem com as suas esmolas para garantir o futuro das victimas.

Torpe, muito torpe este proceder.

## O augmento das rendas das casas em Lisboa

### Especulação infame dos senhorios

Em tudo se especula com o desgraçado povo portuguez desde o augmento excessivo dos generos de primeira necessidade até ao augmento monumental das rendas das casas.

A desmedida ambição dos senhorios só tem limites quando pode sobrecarregar o desgraçado inquilino com mais **meia duzia de libras** no augmento das rendas.

Os senhorios não olham para as circumstancias tristissimas do inquilino, para só terem em vista o augmento dos seus rendimentos.

O inquilino é o bode expiatorio da desmedida **usura dos senhorios**, como vamos demonstrar.

Se o fisco exige do proprietario mais uns tantos por cento sobre as antigas contribuições, lá está o desgraçado inquilino para pagar **dez vezes mais a importancia d'esse augmento**; se o senhorio deseja fazer uma viagem ao estrangeiro ou se leva a familia a banhos, se põe trem, se dá uma educação esmerada aos filhos, se tem assignatura na opera, se faz aquisição de uma amante, se tem um pleito judicial; lá estão os **miseraveis inquilinos para pagarem todas essas despesas**.

E n'estas circumstancias como é que o operario, o empregado do commercio, o empregado do publico e muitos outros desgraçados, que ganham insignificantes ordenados, podem pagar casas de 15 e 20 libras por anno, quando os seus ordenados não passam muitas vezes de **duzentos mil réis** em cada anno, quando d'esta importancia ainda tem que pagar os **direitos de merce, a contribuição de rendas de casas, contribuição parochial** e muitas outras contribuições!!!!

Os senhorios já não sabem pedir pelas rendas das suas casas senão de 15 libras para cima, pois que infelizmente as casas, que tem para menor preço são umas **perfeitas poeilgas**.

Duas classes ha em Portugal que se desenvolvem á custa da miseria publica, estas classes são as dos **agiotas** e dos **senhorios**, os primeiros roubam o povo com juros de **cem e duzentos por cento ao anno** e os segundos roubam o inquilino **com augmentos excessivos** nas rendas das casas.

E é devido a estes dois **cancros sociaes**, que a **prostituição se alastra**, que os **roubos se praticam**, que a **instrução dos filhos dos pobres é deficiente**, que os **hospitaes se enchem de doentes atacados de tísica**, que as ruas da capital estão cheias de **mendigos**.

Este malfadado governo, que gasta sommas colossaes em cousas desnecessarias, ainda se não lembrou de mandar construir por conta do Estado habitações para serem alugadas ás classes menos abastadas, porque só d'esta forma os senhorios deixariam de ter o **monopolio do augmento das rendas das casas**.

Mas infelizmente o governo nada faz, que seja util ao paiz, e o que trata é de decretar expropriações, por utilidade publica, condemnando immensas casas aonde se abrigavam **milhares de familias**, das classes mais pobres da sociedade.

Queremos nos referir ás expropriações dos predios na Calçada do Carmo, Pateo do Penalva, Rua das Taipas, etc, etc, que se expropriaram sómente para a **gaucancia fabulosa dos senhorios**, e para os **interesses da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte**.

O governo nada faz por melhorar um pouco a triste sorte dos inquilinos, obstando por qualquer forma á avidez da maioria dos proprietarios, nenhum meio que suavize as tristissimas circumstancias, verdadeiramente desgraçadas de milhares de habitantes da Capital.

Mas de um governo de **traldores, delapidores, egoistas, jesuitas** e de **baedocs**, não se pode esperar senão tudo quanto seja prejudicial ao povo, que se sacrifica para sustentar essa sucia de **especuladores infames**, composta dos **senhorios, dos agiotas** e dos **ministros da côroa**.

N'este artigo não nos queremos referir aos senhorios que tem as rendas dos seus predios em harmonia com as posses dos inquilinos, porque estes estão fóra da regra geral dos especuladores, e só merecem o respeito dos inquilinos, que ainda tem a fortuna de os possuir como senhorios.

Mas infelizmente são bem poucos.

## O presidente da camara e o sr. Marianno

Está ao que parece reconciliado o sr. Fernando Palha, presidente da camara, com o ministro da fazenda.

Camara da nova laia, este não sae fica.

Sentidos pesames ao povo, que na illustração d'aquelle presidente não tem encontrado senão flagello e oppressão.

Somos um dos povos mais infelizes da Europa. Se o *Espectro* não fora sinceramente monarchi-

co, attribuiria ao systema o que não é senão defeito dos homens e porventura da epocha.

Quando vimos entrar para a presidencia da camara um homem do valor intellectual do sr. Palha, precedido da grande reputação que ia por toda a parte rufando o nome de s. ex.<sup>a</sup>, dissemos:

— Bem. A camara municipal de Lisboa, e sobretudo os habitantes da cidade acharam o seu presidente.

Illustrado, independente, desapaixonado: é o seu homem.

Até que enfim.

A pouco trecho, estas bellas qualidades combinam-se e recombina-se, e acabam por cristalisar no presidente mais parcial, mais prejudicial e mais convictamente inimigo do povo, das suas commo-didades, do seu bem estar.

A rede das licenças por um pouco que não cae até no proprio ar que se respira e na luz que nos alumia.

Os syndicatos impõem á sua carinhosa amizade interesses absurdos e repugnantes.

As grandes companhias fallam com voz suave ao seu coração, todo brandura.

Quem quer dinheiro, inventa um systema qualquer: que se a coisa depender da presidencia da camara, conte com isso como coisa certa.

A *concorrença* que tantas vezes beneficia o publico, se for coisa que possa trazer desproveito a algum amigalhaço, annulla-se por qualquer estratagem. Nada escapa a uma imaginação fertil.

Um centimetro de eixo a mais, exigido ahí aos carros que fazem as carreiras da cidade que é isso? ha nada mais singelo?

Pois com esta singeleza, mata s. ex.<sup>a</sup> todas as emprezas de transporte que não estejam nos affagos e sympathia da sua alma, toda syndicatos e intrujice.

É assim em tudo.

Sr. Palha, favoreça o municipio com a sua ausencia.

Meia volta á direita, marche.

## Hospital de S. José

### Escandalo em perspectiva

Consta-nos que se está forjando na secretaria do reino, ou antes no gabinete particular do sr. ministro um escandalo grave. Pretende-se conceder ao famigerado Padre Pinto de Oliveira de que em tempo tanto se occupou a *Folha do Povo*, a nomeação para um logar do quadro da secretaria do Hospital de S. José. O sotaina que não se sabe porque motivos secretos gosa da protecção de **um capitalista muito conhecido**, procura por todos os modos diffamar a repartição onde escandalosamente foi admittido como empregado interino por uma **Portaria surda** do ministro, quando da Camara municipal o **expulsaram por indecente**. Ha tres annos já que o ministro procura anichal-o no quadro da secretaria do Hospital,

porque o padre não contente ainda com o favor de lhe darem ordenado e gratificações em uma repartição onde elle se porta com o mais escandaloso e vexatorio desplante, com faculdade de ir dizer missas em logar de prestar o serviço publico, para o qual é completamente incapaz por ineptia e supina ignorancia, não contente com tudo isto quer agora ser nomeado effectivo! Como a administração se recusou a propô-lo ao governo, o descarado sotaina anda a ver se prepara a opinião publica com calumniosas noticias a respeito dos concursos que se realisaram, illudindo a boa fé dos seus proprios amigalhaços da sucia progressista.

Todos os empregados da secretaria do Hospital, indignados com as patifarias do reverendo quadrupede reclamaram á Administração contra a pretensão insolita e atrevida d'este envergamento sacerdotal.

Pois o reverendo asno, muito conhecido já em Lisboa pelas suas proezas, continua a barafustar e a intrigar para que o ministro complete o escandalo vergonhoso.

Só nos resta vêr mais esta torpeza dos mandões da Granja.

## A questão do Gaz

O conselho de saude acaba de dar o seu parecer contra a construção do gazometro da nova companhia do Gaz na praia da Torre do Bom Successo.

O sr. Marianno de Carvalho, director da antiga companhia do Gaz, anda levantando os maiores obstaculos que sejam possivel imaginar-se afim da nova companhia se sujeitar á fusão, e sendo assim apanhará o sr. Marianno cento e tantos contos de premio pelo seu trabalho vergonhoso.

Admiramos que o gazometro da nova companhia seja prejudicial á saude no local onde se estava construindo, enquanto que os gazometros da antiga companhia estão collocados n'um sitio bem pouco saudavel como é a Rua da Boa Vista, não nos admiramos que o conselho de saude não condemne estes gazometros da antiga companhia porque o sr. Marianno é o principal director.

Estamos quasi persuadidos que a sahida do sr. Palha da Camara Municipal foi uma batota arranjada pelo sr. Marianno que necessita que o sr. Palha seja reeleito para as primeiras eleições da Camara afim de ter a certeza que encontra ali um amigo para os syndicatos que então se poderem criar na Camara.

O sr. Palha simulou perfeitamente a sua sahida da Camara fingindo d'esta maneira que se oppunha á fusão das duas companhias afim de poder ser outra vez reeleito.

Acautele-se o povo com tão *sinceros* administradores.